

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE MEDICINA**

**THAYS CAROLINE AVILA GONCALVES DE VASCONCELOS
THIAGO ALEXSANDRO MADEIRO DE QUEIROZ**

**THANATOS: UMA PERSPECTIVA MÍTICA E TEOLÓGICA-FILOSÓFICA DA
MORTE**

**MACEIÓ
2021**

THAYS CAROLINE AVILA GONCALVES DE VASCONCELOS
THIAGO ALEXSANDRO MADEIRO DE QUEIROZ

THANATOS: UMA PERSPECTIVA MÍTICA E TEOLÓGICA-FILOSÓFICA DA
MORTE

Capítulo de Livro apresentado ao Curso de Medicina da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na obtenção do título de Bacharel em Medicina

Orientador: Prof. Dr. Gerson Odilon Pereira

MACEIÓ
2021

TANATOLOGIA

Desmistificando a Morte e o Morrer

———— Gerson Odilon Pereira ————



TANATOLOGIA

DESMISTIFICANDO A
MORTE E O MORRER

TANATOLOGIA

DESMISTIFICANDO A MORTE E O MORRER

GERSON ODILON PEREIRA

Capa

Ana Carolina Vidal Xavier

Foto capa

Death and the miser. Oil painting by Frans II van Francken

Fotolitos/Impressão/Acabamento

Editora e Gráfica Santuário Aparecida

Fone: (12) 3104-2000

Direitos Reservados

Nenhuma parte pode ser duplicada ou reproduzida sem expressa autorização do Editor

sarvier

Sarvier Editora de Livros Médicos Ltda.
Rua dos Chanés 320 – Indianópolis
04087-031 – São Paulo – Brasil
Telefone (11) 5093-6966
sarvier@sarvier.com.br
www.sarvier.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pereira, Gerson Odilon

Tanatologia : desmistificando a morte e o morrer /
Gerson Odilon Pereira. -- São Paulo : SARVIER, 2020.

ISBN 978-85-7378-274-5

1. Cuidados paliativos 2. Doentes em fase
terminal – Cuidados 3. Morte – Aspectos filosóficos
4. Morte – Aspectos morais e éticos 5. Morte –
Aspectos psicológicos 6. Morte – Aspectos religiosos
7. Morte – Causas 8. Tanatologia I. Título.

CDD-155.937

19-30764

-612.67

Índices para catálogo sistemático:

1. Tanatologia : Morte : Aspectos psicológicos

155.937

2. Tanatologia : Morte : Ciências médicas 612.67

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Sarvier, 1ª edição, 2020

Thanatos: Uma Perspectiva Mítica e Teológica-Filosófica da Morte

Anderson de Alencar Menezes
Thays Caroline Ávila Gonçalves de Vasconcelos
Tiago Alexandro Madeiro de Queiroz

Aí os filhos da Noite sombria têm morada,
Sono e Morte, terríveis Deuses, nunca
o Sol fulgente olha-os com seus raios
ao subir ao céu nem ao descer o céu.
Um deles, tranquilo e doce aos homens,
percorre a terra e o largo dorso do mar,
o outro, de coração de ferro e alma de bronze
não piedoso no peito, retém quem dos homens
agarra, odioso até aos Deuses imortais.
(HESÍODO, século VIII a.C.)

Thanatos, do grego Θάνατος, do latim Thanatus, a personificação da morte na mitologia grega, o destruidor da vida, inimigo dos homens. É filho sem pai da deusa primordial Nix, a Noite ou trevas superiores, e irmão gêmeo de Hipnos, deus do sono e, como esse, é algumas vezes descrito apresentando um toque suave, tendo o posto de deus da morte não violenta (as violentas, em batalhas, ficavam a cargo de suas irmãs, as Queres). A Thanatos são atribuídas as características de um ser impiedoso, irascível e incessível. Entre suas representações, torna-se mais conhecido como um personagem masculino armado com uma foice, um gênio alado, um esqueleto, um cavaleiro ou um cavalo (BRANDÃO, 2007), e no poema Odisseia, Homero o vê na figura da morte, qualificando-a como: dolorosa, horrível, miserável, mesquinha e semelhante ao sono profundo. É importante observar que Thanatos não possui um mito próprio, mas participa como personagem em outros mitos, como o de Sísifo e na tragédia grega de Alceste.

A despeito dessa representação, a morte no mito grego não era um fim absoluto, pois esse povo cria na perecibilidade do corpo e na imortalidade da alma; ao morrer, os homens se transfiguravam em um ser imaterializado, “um retrato em sombras” – um *eidolon* (BRANDÃO, 2007). Nessa cultura, Thanatos era o condutor das almas ao Hades, onde eram julgadas e recebiam sua sentença: uma vida eterna de sofrimento ou uma vida eterna nos Campos Elísios, reforçando a perspectiva da morte como passagem para um outro nível de vida.

Mas, se Thanatos, o destruidor da vida, não é um fim em si, o que, então, significa morrer? Difícil responder. A pergunta é retórica, pois, para definir plenamente o que é a morte, haveríamos de saber primeiro no que consiste a vida.

Hipócrates, pai da medicina ocidental, no século V a.C. afirmou: “Testa enrugada e árida, olhos cavos, nariz saliente, cercado de coloração escura, têmporas deprimidas, cavas e enrugadas, queixo franzido e endurecido, epiderme seca, lívida e plúmbea, pelos das narinas e dos cílios cobertos por uma espécie de poeira de um branco fosco, fisionomia nitidamente contornada e irreconhecível” (SANVITO, 2012). Na visão biológico-jurídica, entende-se a morte como a cessação total e permanente das funções vitais (cerebral, respiratória e circulatória). Já no sentido metafísico, filosófico, é entendida por cada indivíduo de acordo com suas experiências de vida e suas crenças.

Neste sentido, Thanatos contém um valor psicológico: extirpa as forças negativas e regressivas, ao mesmo tempo em que liberta e desperta as energias espirituais. [...] Mas Thanatos pode ser a condição de ultrapassagem de um nível para um outro nível superior. Libertadora dos sofrimentos e preocupações, a morte não é um fim em si; ela pode abrir as portas para o reino do espírito, para a vida verdadeira: *mors ianua vitae*, a morte é a porta da vida (BRANDÃO, 2007, p. 227).

Sob a ótica da filosofia grega, em Apologia de Sócrates (Platão, 399 a.C.), antes de morrer, Sócrates afirma aos que o condenaram: “[...] não há, para o homem bom, mal algum, quer na vida, quer na morte, e os deuses não descuidam do seu destino. O meu não é consequência do acaso; vejo claramente que era melhor para mim morrer agora e ficar livre de fadigas”. Já no século II, segundo Epiteto: “O que perturba os homens não são as coisas, e sim as opiniões que eles têm em relação às coisas. Assim, a morte não é tão terrível (se fosse, ia parecer assim a Sócrates), mas a opinião que há em relação à morte, eis o que a faz parecer terrível”. Mais uma vez vemos a morte qualificada como fato aceitável e até mesmo desejável, revelando que sua face amedrontadora está muito mais relacionada ao medo humano do inevitável, do que ao fato concreto.

Muito mais que nas filosofias, a morte é a protagonista de todas as religiões. Iniciando pelo cristianismo, no livro de Isaiás (57:2), está escrito: “Aqueles que andam retamente entrarão na paz; acharão descanso na morte”, e em Eclesiastes (7:1) temos que “[...] o dia da morte é melhor do que o dia do nascimento”. Mais uma vez podemos ver a representação de Thanatos como libertador dos sofrimentos humanos. Algumas passagens também nos manifestam o pensamento de continuidade da vida mesmo ao passar pela morte, é o caso de João (11: 25-26): “Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente”. Ainda é possível observar a semelhança entre a descrição de Thanatos como um cavaleiro ou um cavalo com o quarto cavaleiro também nomeado de Morte o qual cavalga em um cavalo na cor amarela ou esverdeada (Apocalipse 6:8), a qual pode representar o estado de putrefação cadavérica. Não obstante, observa-se que o terceiro cavaleiro (Apocalipse 6:5), representando a fome, está em nível equiparado à Morte, e de fato, na Odisseia, durante a fala de Herícolo é dito: “Desgraçados, a morte é sempre feia, mas a pior é perecer de fome”.

O hinduísmo, uma das mais antigas crenças do mundo, crê na vida como parte de um ciclo de morte e renascimento, onde o corpo material é perecível, mas a alma é permanente (VALERA, 2012). Mubarak (2014) nos introduz o islamismo, que também tem na morte a entrada para a vida eterna, como é demonstrado pela passagem do Corão: “Toda alma provará o sabor da

morte e, no Dia da Ressurreição, sereis recompensados integralmente pelos vossos atos; quem for afastado do fogo infernal e introduzido no Paraíso, triunfará. Que é a vida terrena, senão um prazer ilusório?” (3ª Surata, versículo 185).

Seja como for, a certeza que se tem é de que a cada dia estamos mais próximos dela, e parafraseando o poeta Fernando Pessoa: “Não me venham com conclusões! A única conclusão é morrer”.

A COMPREENSÃO TEOLÓGICO-FILOSÓFICA DA MORTE NO CRISTIANISMO

A morte se constitui num fenômeno transdisciplinar, sobretudo ao pensarmos na tradição mais clássica do cristianismo e na unidade entre filosofia e teologia no cristianismo primitivo. Segundo Ratzinger (2008), no cristianismo primitivo nos sarcófagos do terceiro século, seu cânon imagético se compunha de três figuras emblemáticas: o pastor, a orante e o filósofo. Isso traduz que a arte era entendida nesse contexto como superação da morte.

Em Blank (1993), a esperança maior encontra-se na compreensão escatológica da morte. Ou seja, a morte se constitui como a esperança maior do cristianismo. São Francisco de Assis chamava a morte de irmã. Dentro de uma perspectiva soteriológica, a morte, para o Cristianismo, é um viver eternamente, uma vida na contemplação face a face com o autor da vida.

De fato, a dimensão escatológica da morte nos aponta para a parúsia, para uma eternidade, em que o tempo é um kairós, ou seja, a plena manifestação de Deus na realização da profunda antropologia humana.

Deve-se ressaltar aqui uma dupla dimensão: a dimensão escatológica e a dimensão apocalíptica. Semanticamente falando, trata-se de uma profunda unidade constitutiva dessas duas dimensões. Primeiramente, do ponto de vista da dimensão escatológica, uma perspectiva mais teológica. Na dimensão apocalíptica, uma dimensão mais bíblica. Ou seja, a morte é considerada do ponto de vista da dimensão constitutiva teológico-bíblica na sua inspiração mais profunda.

Pensando nas bases filosóficas para uma nova escatologia. Segundo Blank (1993), deve-se a Teilhard de Chardin a compreensão de uma superação entre “História do mundo” e “História da Salvação” Já para Maurice Blondel, na própria natureza humana há uma “vontade querente” que a impulsiona para a busca do infinito. Por sua vez, Ernst Bloch (1885-1977) apresenta uma dupla realidade: do mundo e do homem. Aqui, se adquire um caráter de promessa, como horizonte infinito de possibilidades.

A partir dessas bases filosóficas da compreensão escatológica, pode-se perceber que a esperança escatológica se constitui como uma releitura do apocalipse, tentando evitar o tom ameaçador e destrutivo que por ora, esse livro adquiriu no decorrer da história, por hermenêuticas profundamente confusas e inapropriadas. A tese central dessa relação é que a esperança faz emergir uma nova criação. A tentativa é de olhar para o livro do Apocalipse sem a visão milenarista que falsas exegeses procuram imprimir, e apreender o verdadeiro significado da obra a partir de um conjunto de imagens ditas apocalípticas, implicando mensagens de esperança. Portanto, o fim do mundo, é a criação de outra ordem espiritual e criatural. O “novo céu e a nova terra”, tão presente na obra do Apocalipse, é o descortinar de uma mensagem carregada de transformação geopolítica e sociocultural. É uma transformação cognitiva e um apelo para uma compreensão mais integral da nossa antropologia.

Para Morin (2001), é preciso refazer o todo. Precisamos nos sentir na nossa identidade terrena a partir do princípio de complexidade. Ou seja, somos profundamente homo sapiens e demens; homo empiricus e imaginarius; homo faber e ludens. É justamente aqui que começaremos a entender as nossas finalidades terrestres.

Nessa compreensão, somos impelidos a uma nova identidade terrena, mais cósmica e profundamente antropolítica. Nesse devir histórico, saberemos colher na história os sinais que nos apontam um caminho mais pleno e mais justo na historicidade das biografias humanas que já constroem nesse espaço-tempo a relação sempre muito dialética entre a vida e a morte. Recorremos a Dante Alighieri (1265-1321) na sua estupenda obra, *A Divina Comédia*, para nos referir ao terceiro momento da obra desse renomado autor. De fato, a esperança cristã é muito bem delineada pelo referido autor, ou seja, que o Paraíso seja uma realidade perene e palpável. Ou seja, possamos ser reconhecidos como Dante o fez, em suas narrativas, em que no Paraíso, encontrou São Tomás de Aquino, São Boaventura, São Domingos etc.

Enfim, na ótica cristã, possamos ver a Deus face a face. Isto é o Summum Bonum!!!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BÍBLIA, Português. A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 2017.
2. BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada Ave-Maria. Tradução de Centro Bíblico Católico. 110. ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1997.
3. BLANK, RENOLD. Nosso Mundo tem Futuro. São Paulo: Paulinas, 1993.
4. BRANDÃO, JS. Mitologia Grega, vol I. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
5. DANTE, Alighieri. A Divina Comédia. São Paulo: Paulus, 2018.
6. HESÍODO. Teogonia a origem dos deuses. 3. ed., São Paulo, SP: Iluminuras, 1995.
7. HOMERO. Odisséia. 3. ed., São Paulo, SP: Atena, 2009.
8. MORIN, Edgar. Terra-Pátria. Lisboa: Instituto Piaget, 2001
9. MUBARAK, C. Islamismo: una introducción. Tradução: Hellen Ramiro de Araújo. 1 ed. Missões Mundiais, Sevilla, 2014.
10. PLATÃO. Apologia de Sócrates. Trad. Manuel de Oliveira Pulquério. 70 ed. Lisboa, 2009.
11. RATZINGER, Joseph. Natureza e Missão da Teologia. Petrópolis: Vozes, 2008.
12. SANVITO, WL. A morte dessacralizada. Arq Med Hosp Fac Cienc Med Santa Casa São Paulo v. 57, n. 1, p. 48–50, 2012.
13. VALERA, L. Morte no hinduísmo: transmigração e libertação. Religare. v. 9, n. 2, p. 195–204, 2012.
14. ZÚÑIGA, P. C. T. La muerte en la Odisea de Homero. Andamios, México, v. 14, n. 33, p. 23–44, 2017.